

LIVROS

# Livraria Lello acordou de cara lavada, como era há 110 anos

Nesta primeira fase do restauro da livraria no Porto foram também feitas intervenções na estrutura do edifício.

**Margarida David Cardoso**

30 de Julho de 2016, 14:27



Há 110 anos, José Pinto de Sousa Lello e o irmão António Lello abriam as portas da Livraria Lello & Irmão, na Rua das Carmelitas, no Porto. Esta teria a fachada pintada com cores fortes, que emoldurassem as figuras femininas da Arte e da Ciência, lê-se

ainda hoje no álbum descritivo que os irmãos escreveram em 1906. Seguindo este querer, a Livraria Lello sofreu obras de restauro que devolveram a cor à mais famosa livraria da cidade.

A obra de restauro, iniciada em Abril deste ano, quis recuperar a essência original do edifício e recuou sobre as 12 camadas de tinta, feitas em pelo menos cinco intervenções na fachada do edifício, para encontrar as cores originais, que as fotografias da época bem deixavam crer que lá estavam. E são estas cores que estão hoje à mostra, uma vez “que grande parte da superfície que vemos, é da pintura original”, assegurou Joel Cleto, o historiador e arqueólogo portuense que este sábado fez a apresentação da nova, e ainda assim mais antiga que nunca, cara da Lello.

Na apresentação, na manhã deste sábado, dois homens desceram pela fachada do edifício fazendo descair o pano branco que tapava as cores deste restauro e dando-a a conhecer ao público curioso que ali se juntou.

Ao longo dos anos, a fachada terá sido pintada cinco vezes e sofreu sucessivas demãos que a reduziram aos tons de bege e preto, que contornava as letras e as figuras originais desenhadas por José Bielman. Depois de mais de um século em que a fachada foi sendo alterada, foi agora possível recuperar grandes superfícies com a pintura inicial, graças a técnicas que envolveram análises químicas e laboratoriais.

A isto somam-se muitas tentativas para afinar a cor, até encontrar os tons originais. Mais de 40 mostras de cores depois, “o restauro é verdadeiramente notável”, reforçou por diversas vezes Joel Cleto.

E pela primeira vez foi removido o vitral interior da livraria. Limpo, restaurado e renovadas as estruturas que o suportavam, este vitral de oito metros de comprimento, com 55 painéis, volta a “iluminar o interior da livraria, o conhecimento, a arte e a ciência”, servindo o propósito original pelo qual foi colocado em 1906, recordou o historiador. Lá de fora, eram muitos os curiosos e os convidados para esta apresentação que fotografavam a “arquitetura da luz” deste espaço.

“Há uma nova luz, uma luz que como em 1906 volta a iluminar esta catedral da arte e da ciência”, são as palavras de Joel Cleto sobre as quais José Manuel Lello acenou em concordância. O administrador da livraria acredita que esta obra valoriza o

edifício e a cidade - e não apenas a livraria que recebe cerca de três mil pessoas por dia.

Vendem-se cinco mil livros por semana, cerca de 300.000 ao ano na Livraria Lello. Números que mais do que quadruplicaram no espaço de um ano, quando a livraria começou a cobrar a entrada a quem visita o espaço, mas não sai com um livro. (/1702159)

Tanto os administradores, José Manuel Lello e Pedro Pinto, como o historiador e a Direcção-Regional da Cultura do Norte, que validou o processo, acreditam que estão reunidas as condições de durabilidade desta casa, que em tempos conheceu o desgaste e a degradação do seu interior. Foi também por isso, que nesta primeira fase do restauro, foram também feitas intervenções na estrutura do edifício. Um trabalho que não é visível, mas “permitirá que a Lello continue a ser uma referência essencial a nível nacional e internacional”, reconheceu Joel Cleto.

Durante estes quatro meses de trabalho de restauro, a livraria manteve-se aberta, com excepção do período que foi montado o equipamento de segurança. Desde então, a fachada teve cores ainda mais fortes, com os *graffiters* Mr. Dheo e Pariz One a assinarem o painel que escondeu os andaimes até há poucos dias (/1729915).

Numa apresentação em que estiveram presentes o vereador da Câmara do Porto, Manuel Pizarro; o reitor da Universidade do Porto, Sebastião Feyo de Azevedo; e o ex-ministro da Cultura, João Soares; José Manuel Lello anunciou que serão iniciadas “em breve” as obras de restauro do interior da livraria.

## **Nove anos depois, um dia de Harry Potter**

A montra e as principais estantes da livraria já antecipam o evento desta noite. Avolumam-se os exemplares dos livros da saga *Harry Potter*, de J.K. Rowling, e dentro e fora da livraria as conversas vão sempre dar ao evento marcado para a meia-noite: o lançamento do novo livro *Harry Potter and the Cursed Child - Parts I & II*. Um regresso das histórias da feitiçaria de Hogwarts, nove anos depois do lançamento de *Harry Potter e os talismãs da morte*.

Ainda que este livro seja o guião de uma peça de teatro, escrito por J.K.Rowling, Jack Thorne e John Tiffany, a febre de Harry Potter já moveu uma dezena de jovens para a fila de espera, junto à Lello. “São as minhas personagens preferidas outra vez, não podia perder isto por nada”, justifica Patrícia, a primeira da fila e será dela o primeiro livro. A jovem espera desde as 11h desta sexta-feira, com um grupo de amigos acampados na fila junto ao passeio dos Clérigos.

Estão à espera “de um livro tão fantástico como os outros”, diz Patrícia, sobre uma saga que, como a amiga Mafalda Pereira, leram toda a infância e as acompanhou na juventude. “É dormir no chão, mas vale a pena”, conta Mafalda.

Nos EUA este já é o livro com mais pré-vendas desde 2007. No Porto, há seis mil exemplares à venda, sujeitos a pagamento antecipado nos Armazéns Castelo. O livro custa 26 euros e está apenas disponível em inglês.

*Texto editado por Bárbara Wong*